



A prefeitura de Piracicaba lidera uma articulação regional para combater a poluição do rio



Fotos Cristiano Rosa

Paixão pelas águas

Recuperação das margens do Piracicaba estimula o vínculo entre a população e o rio que deu origem à cidade

A cidade de Piracicaba tem uma dívida com o rio de mesmo nome, que serpenteia seu perímetro urbano. O Rio Piracicaba foi uma grande referência da ocupação humana da região, dos índios aos sertanejos, dos negros aos imigrantes europeus, dos pescadores aos operários fabris. Mas o progresso provocou a sua degradação, com o lançamento de poluentes e a captação exagerada de suas águas para abastecer a capital paulista. Uma iniciativa liderada pela prefeitura

começa a resgatar essa dívida. É o Projeto Beira Rio, que prevê a recuperação das margens do Piracicaba no perímetro urbano, com a restauração de prédios históricos e a construção de áreas de lazer, e em vilas rio abaixo, que recebem turistas para esportes radicais. “Sempre me ocupei com a questão do rio e fico feliz de poder viabilizar um projeto que une planejamento estratégico, visão ambiental, urbanismo e turismo”, diz o prefeito José Machado, do PT, que cumpre seu segundo man-

dato não-consecutivo (o primeiro foi de 1989 a 1992).

Presidente do Consórcio Intermunicipal das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá, Machado lidera um esforço de vários prefeitos da região para controlar a poluição e utilizar os mananciais de forma sustentável. Mas as metas do Projeto Beira Rio não se resumem à ecologia e à urbanização. Uma das ambições é reforçar o vínculo afetivo que os piracicabanos mantêm com o seu rio. “Queremos uma cidade

mais atraente e mais confortável”, diz o prefeito. Há três anos, sua administração contratou um antropólogo brasileiro radicado na França, Arlindo Stefani, para estudar a relação entre a população e o curso d’água. Dessa pesquisa nasceu um diagnóstico que resgatou o espírito do lugar – que o autor chama de “As Seis Memórias” (índia, caipira, negra, migrante, industrial, do rio e de suas beiras). “Os piracicabanos têm razão de amar e venerar o rio”, escreveu Stefani. “Com seus afluentes garantiu o ciclo da vida, da natureza e da cidade, desde as origens, compondo com o homem um mesmo e único sistema biocultural.”

No caso de Mateus Pires de Camargo, essa relação é muito mais do que uma teoria, mas uma parte integrante da sua própria vida. Camargo, de 39 anos, nasceu, cresceu, casou-se e ainda mora perto do rio. No último dia 15 de abril, data consagrada como Dia do Rio Piracicaba, ele estava nos jardins do Museu da Água, replantando uma árvore. Recentemente, deixou o emprego de pedreiro para trabalhar numa prestadora de serviços de arborização. “Fico feliz de ter parado de colocar concreto na cidade e agora poder cuidar do rio e da mata”, diz Camargo. “Meu pai me dizia que este rio é a vida da cidade. E eu digo isso para meus filhos também.”

Apoio da Petrobras – O Beira Rio é administrado por uma ONG, a Piracicaba 2010. Teve sua primeira fase de obras implantada em abril deste ano, graças aos R\$ 4 milhões que a Petrobras entregou nas mãos da ONG para iniciar o projeto. Isso sem contar os R\$ 2 milhões investidos pela prefeitura em obras de saneamento desde 2003.



O homem dos pincéis



O funcionário público **Gilmar de Aguiar Godoy** é um piracicabano de 45 anos que cumpre expediente à beira do rio. Artista plástico e produtor gráfico, ele trabalha no Engenho Central, às margens do Piracicaba, onde é um dos responsáveis pela preparação das placas e cartazes que, espalhados pela cidade, informam a população sobre os eventos culturais da semana. O rio serve de inspiração para as obras figurativas que Gilmar pinta – e exibiu em salões de arte da cidade. “Passo a semana trabalhando ao lado do rio, quase na margem”, conta. “Nos finais de semana, saio de casa e venho para a beira do rio, só para apreciar as mudanças que ocorrem nele, de estação para estação.”

Na sua fase inicial, as obras estão sendo feitas no calçadão da Rua do Porto, pólo turístico da cidade, com alta concentração de restaurantes e casas noturnas. O objetivo, ali, é valorizar a margem do rio como um bem público, reconstituir a vegetação nativa, dar mais espaço aos pedestres, padronizar as áreas de restaurantes e permitir que as pessoas possam se divertir num local seguro. O projeto dividiu as margens do rio em oito trechos. Prevê a recuperação de cada um deles.

Já se atribui ao projeto um impulso na geração de empregos, não apenas nas obras de recuperação, mas também em empresas de biotecnologia e indústrias que vêm

sendo atraídas para a cidade. Num levantamento da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo concluído em fevereiro, Piracicaba exibiu o maior crescimento do nível de emprego do Estado: 4,54% no período de um ano.

Piracicaba guarda outros tesouros históricos que estão na mesma rota de transformação do rio. Na margem oposta ao calçadão da Rua do Porto fica o Engenho Central, fundado em 1881, lembrança viva de uma das maiores riquezas da região, a cana-de-açúcar. As instalações do engenho foram desapropriadas no primeiro governo de José Machado, quando foi construída uma passarela pênsil que cruza o rio. A proposta para o Engenho Central inclui até mesmo um Museu de Ciência e Tecnologia. O engenho já é utilizado para eventos, como o tradicional Salão Nacional do Humor, que há três décadas reúne a elite dos cartunistas brasileiros.

Silvia Mascella, de Piracicaba